

Considerações acerca do conceito de atualização sob os pontos de vista formalista e enunciativo

Lissa Pachalski*

UFPEl

Aroldo Garcia dos Anjos**

UFPEl

Recebido em: 17/05/2019

Aceito em: 27/11/2019

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo colocar em diálogo e discussão as teorias linguísticas formal e enunciativa, a partir da observação da noção de *atualização*. Interessa-nos: (i) analisar o termo *atualização* em uma abordagem formalista, perguntando-nos o que essa perspectiva a respeito do conceito pode dizer sobre sua concepção de língua; (ii) investigar como Benveniste utiliza a noção de *atualização* para pensar uma linguística que vá além do mundo fechado do sistema linguístico, e (iii) observar em que medida as acepções expostas em (i) e (ii) se aproximam ou se distanciam.

Palavras-chave: Atualização. Formalismo. Enunciação.

Abstract: The present work aims to put into dialogue and discussion the formal and enunciative linguistic theories, from the observation of the notion of *actualization*. We are interested in: (i) analyzing the term *actualization* in a formalist approach, asking what this perspective on the concept can say about its conception of language; (ii) to investigate how Benveniste uses the notion of *actualization* in order to think a linguistic theory that goes beyond the closed world of the language system; and (iii) observe to what extent the meanings exposed on (i) and (ii) approximate or distance themselves.

Keywords: Actualization. Formalism. Enunciation.

Abstract: Die vorliegende Arbeit zielt darauf ab, die formale Sprachtheorie und die Benveniste'sche Äußerungstheorie durch den Begriff *Aktualisierung* in Dialog zu bringen. Es interessiert uns: (i) den Begriff *Aktualisierung* in einem formalistischen Ansatz zu analysieren, wobei gefragt wird, was diese Perspektive zu seinem Sprachkonzept aussagen kann; (ii) zu untersuchen, wie Benveniste den Begriff *Aktualisierung* verwendet, um eine Sprache zu denken, die über die geschlossene Welt des Sprachsystems hinausgeht, und (iii) zu beobachten, inwieweit sich die in (i) und (ii) präsentierten Bedeutungen annähern oder voneinander distanzieren.

Schlüsselwörter: Aktualisierung. Formalismus. Äußerungstheorie.



Introdução

Ao trabalharmos com diferentes textos da vasta área dos estudos da linguagem, deparamo-nos, com relativa frequência, com a noção de atualização, que parece cara tanto a teorias formalistas quanto às reflexões da área da enunciação. O que subjaz a essa noção? O que ela pode revelar sobre as concepções de língua de cada área? Por que se trata de um conceito recorrente e importante para perspectivas que, muitas vezes, são tidas como opostas?

Motivado por essas perguntas, este texto tem como objetivo colocar em diálogo e discussão as teorias linguísticas formal e enunciativa, a partir da observação da noção de *atualização*. Para tanto, são revisitados especialmente escritos de John Lyons (1968) e de Émile Benveniste (2005, 2006). Interessa-nos: (i) analisar o termo *atualização* em uma abordagem formalista, perguntando-nos o que essa perspectiva a respeito do conceito pode dizer sobre sua concepção de língua; (ii) investigar como Benveniste utiliza a noção de *atualização* para pensar uma linguística que vá além do imanentismo do sistema linguístico, e (iii) observar em que medida as acepções expostas em (i) e (ii) se aproximam ou se distanciam. É com base nesses três pontos que o texto que segue está estruturado.

Atualização na perspectiva formal

A concepção formalista de atualização tem por base, neste texto, considerações de Lyons (1968), linguista conhecido por ser intérprete das ideias chomskyanas.

Para chegar à ideia de atualização, Lyons (1968) retoma vários conceitos importantes para a constituição da Linguística Moderna, chamando atenção especial para a clássica distinção entre forma e substância, em referência direta a Ferdinand de Saussure e a Louis Hjelmslev, e utilizando tal distinção como sustentação de sua exposição subsequente.

Em Saussure, é importante lembrar, temos que “a língua é uma forma e não uma substância” (SAUSSURE, 2012, p. 170) e que a mesma língua intermedia o pensamento e o som, os quais correspondem a duas massas amorfas, indefinidas e incorpóreas, nas palavras do linguista suíço. Tais massas só serão definidas a partir deste trabalho mediador da língua, que as delimita em unidades discretas e as combina, formando o *sistema de signos* que consiste, então, na própria língua. O sistema de signos opera por meio da noção de *valor*, isto é, os signos são definidos pelas relações opostas que eles contraem entre si – um signo é o que o outro não é. Estabelecidos os *valores*, são estabelecidos os signos, e, por

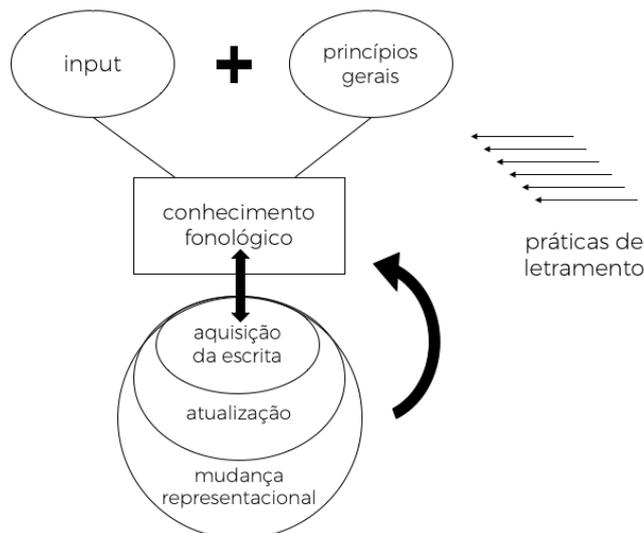
2004, p. 60, grifos nossos). Uma forma reúne, pelo exemplo da figura, uma série de diferenças sonoras, e a outra forma reúne diferenças semânticas. Trata-se, assim, de uma visão de signo com grau de formalidade ainda mais acentuado do que aquela veiculada por Saussure. O que não se altera entre ambas as perspectivas, no entanto, é a ideia geral de que “a língua é uma forma e não uma substância”.

Para Lyons (1968), está implicada nessa compreensão comum aos dois linguistas a noção de que uma forma linguística pode *ser realizada* (ou *atualizada*)¹ em uma substância, isto é, um signo, unidade psíquica, pode ser materializado (ou *manifestado*, nas palavras anteriores de Fiorin (2004)), no espaço e no tempo. Assim, a atualização da língua ocorre em material fonético, sua substância *primária*, conforme observa Lyons (1968), remontando à distinção saussureana entre substância primária e secundária da língua. À substância primária dizem respeito os sons e à secundária equivalem as letras, do que decorre a ideia de que letras e sons “são *realizações* alternativas das mesmas unidades formais” (LYONS, 1979, p. 63, grifos nossos).

Apropriações recentes do conceito podem ser observadas em Miranda (2012, 2014, 2017), que aborda o fenômeno da aquisição da linguagem escrita incluindo explicitamente a ideia de *atualização* em seu quadro teórico, tendo por base o exposto em Lyons (1968) e, conseqüentemente, em Saussure (2012). Segundo a autora, a aquisição dos princípios de um sistema de escrita alfabética por um indivíduo cria condições para a *atualização*, na substância secundária (gráfica), do conhecimento linguístico (sobretudo, o fonológico) já adquirido por ele de forma espontânea em estágios iniciais do desenvolvimento. A Figura 2, que segue, apresenta um diagrama conceitual elaborado por Miranda (2017), que situa o lugar teórico do conceito de *atualização* conforme entende a autora:

Figura 2 – Diagrama conceitual que situa o conceito de *atualização* em estudos sobre aquisição da linguagem escrita

¹ Crystal (1988) define em seu *Dicionário de Linguística e Fonética* o termo *atualização* como forma alternativa de *realização*. No presente texto, são utilizados como sinônimos.



Fonte: adaptado de Miranda (2014b, 2017)

A *atualização* em substância secundária, nesse quadro conceitual, corresponde ao que Miranda (2017, p. 21) chama de “retomada do conhecimento fonológico”, e este conhecimento diz respeito às unidades abstratas que compõem o nível da forma da expressão, nos termos hjelmslevianos. Em sendo retomado via substância distinta daquela que é a habitual, é como se o conhecimento linguístico passasse a ser compreendido a partir de um novo ponto de vista pelo aprendiz: não mais apenas do ponto de vista da primeira articulação, por via do qual a linguagem é constituída somente de significado, mas também pelo viés da segunda articulação, por meio do qual se observa que a língua, para veicular significado, possui uma estrutura formal², uma vez que os sistemas de escrita alfabética têm como domínio de referência a camada fonêmica das línguas. Assim, a *atualização* em substância gráfica cria condições para que *mudanças representacionais* nesse conhecimento linguístico internalizado possam ocorrer, tanto no que se refere às estruturas em si quanto à consciência que se tem das estruturas.

Aquilo que até aqui foi apresentado parece coincidir com a definição de Crystal (1988), no *Dicionário de Linguística e Fonética*:

²Esta ideia remete ao conceito, introduzido por Martinet [1973] (1960), de *dupla-articulação* da linguagem: a primeira articulação corresponde às unidades significativas, como morfemas, palavras e frases, e a segunda articulação corresponde às unidades não-significativas, como os fonemas. Estas últimas, de número finito em cada língua particular, combinam-se entre si formando o substrato para o arranjo das primeiras, potencialmente ilimitadas. Para historiadores da escrita como Gelb (1952), os sistemas de escrita desenvolvidos ao longo da história atentaram para esse princípio de organização da língua, elegendo, como domínio de referência, ou unidades de primeira articulação – o caso dos sistemas logográficos – ou unidades de segunda articulação – o caso dos sistemas fonográficos, dentro dos quais se inclui o sistema alfabético.

atualização: [...] termo cada vez mais usado [...] para indicar *a expressão física de uma unidade linguística abstrata*. Os fonemas, por exemplo, são ‘atualizados’ em fones; os morfemas, em morfes. Pode-se dizer que qualquer forma subjacente tem uma atualização correspondente em substância. Um nome alternativo é ‘realização’. (CRYSTAL, 1988, p. 35, grifos nossos).

Atualização, portanto, é um termo que, em uso por estudiosos formalistas, evoca as noções fundantes desta abordagem que elege como foco de análise as relações de economia entre os elementos do plano de expressão da língua, particularmente aqueles que compõem o nível da forma. No entanto, sendo essas unidades de natureza psíquica, inacessíveis do ponto de vista material a não ser que se manifestem empiricamente em algum suporte estável, é necessário, para que sejam estudadas e compreendidas em suas relações, que os pesquisadores observem sua realização, isto é, sua atualização em matéria fonética, escrita ou mesmo gestual, no caso de línguas sinalizadas.

É à luz desse escopo que o conceito de *atualização*, na sua acepção formal, é compreendido neste artigo.

Atualização em Benveniste

Com base nas obras *Problemas de Linguística Geral I e II*, buscaremos expor a importância da noção de atualização em Benveniste. Para tanto, observaremos as noções de simbólico e de signo, bem como as de subjetividade, apropriação e enunciação – a partir do pressuposto de que o homem está na língua.

Para Benveniste, a linguagem é própria do ser humano, pois é sua capacidade de simbolizar que constitui toda possibilidade de vida social. O autor compreende simbolização como o poder de significação da língua, “o fato que justamente a língua é o domínio do sentido” (BENVENISTE, 2006, p. 25), sendo que, em sua base, enquanto sistema significante há o signo linguístico. A linguagem realiza-se, assim, em uma língua, “inseparável de uma sociedade definida e particular” (BENVENISTE, 2005, p. 31), dentro de uma cultura. É o caráter simbólico da linguagem que “prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura” (BENVENISTE, 2005, p. 32).

Benveniste considera, nessa discussão, o fato de que a linguagem reproduz a realidade³. Por reprodução, Benveniste refere-se ao fato de a língua, toda vez que mobilizada, produzir novamente a realidade, recriando-a pelo simbólico. A sociedade e os indivíduos somente são possíveis pela língua, pois o mundo é recriado via linguagem,

³ No original em francês: “Le langage *re-produit* la réalité”. Nota-se como Benveniste destaca o prefixo para realçar a ideia de uma ação da ordem da singularidade, sempre nova e irrepitível.

sempre submetido à organização própria de um sistema. Benveniste versa, assim, sobre a faculdade humana de simbolizar, tratando-a como inerente à condição humana: “essa capacidade simbólica está na base das funções conceituais. O pensamento não é senão esse poder de construir representações das coisas e de operar sobre essas representações” (BENVENISTE, 2005, p. 29).

Para Benveniste, a linguagem sempre é dirigida ao outro, sendo a intersubjetividade a condição para a subjetividade. Sua concepção ancora-se, pois, na indissociabilidade entre linguagem e subjetividade. O autor afirma que não há emprego de “eu” que não se remeta a um “tu”:

Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu* (BENVENISTE, 2005, p. 286).

Trata-se não apenas da consideração da existência de outrem, mas sim da apreensão de uma imagem de si a partir do outro. A estrutura do diálogo é, pois, condição constitutiva do discurso. Benveniste, assim, reconhece nos pronomes uma classe de palavras que escapa à definição dos demais signos da língua. Para o autor, a linguagem está organizada de modo a permitir a apropriação da língua por parte do locutor, ao designar-se por “eu”. Os pronomes pessoais são classes primeiras para a percepção da subjetividade na linguagem. No entanto, outras classes também o são: os indicadores de dêixis – como demonstrativos, advérbios de lugar e de tempo, adjetivos – que tomam o “eu” como centro de referência da enunciação, organizando em torno dele as relações temporais e espaciais. Segundo Benveniste (2005):

A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e ao outro como *tu* (BENVENISTE, 2005, p. 289).

Essas considerações são importantes para a noção de atualização, uma vez que discurso – na concepção benvenistiana – pressupõe a atualização da língua cada vez que alguém assume o lugar de “eu”, apropriando-se de toda a linguagem.

A partir dessas ponderações, observemos algumas das ocorrências do termo “atualização” nos textos de *Problemas de Linguística Geral I e II*, sempre por nós grifadas em itálico.

Em *A natureza dos pronomes* (1956), Benveniste analisa os pronomes como formas cujo papel é o de operar na conversão da linguagem em discurso, distinguindo, assim, entre a língua enquanto sistema de signos relacionais e a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso. Seguem algumas ocorrências do termo “atualização” no texto em questão:

Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é *atualizada*⁴ em palavra por um locutor (BENVENISTE, 2005, p. 277).

[...] os indicadores *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são *atualizados* na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor (BENVENISTE, 2005, p. 281).

Todas as variações do paradigma verbal, aspecto, tempo, gênero, pessoa etc. resultam dessa *atualização* e dessa dependência em face da instância de discurso [...] (BENVENISTE, 2005, p. 282).

Nas três passagens selecionadas, Benveniste argumenta que os pronomes não compõem uma classe unitária, pois eles são signos que só se tornam plenos quando assumidos na instância de discurso de um locutor. Sua natureza é, assim, da ordem da comunicação intersubjetiva. A linguagem provê um signo único, “eu”, através do qual o locutor se remete não à realidade empírica, mas sim à instância do seu próprio discurso. Por essa particularidade, os pronomes se destacam dos demais signos da língua.

Em *Categorias de pensamento e categorias de língua* (1958):

Mesmo admitindo que o pensamento não pode ser captado a não ser formado e *atualizado* na língua, teremos o meio de reconhecer no pensamento caracteres que lhe sejam próprios e que não devam nada à expressão linguística? (BENVENISTE, 2005, p. 70).

⁴ A partir daqui, são por nós destacadas em itálico todas as menções do termo “atualização” nas citações das obras de Émile Benveniste.

Nesse artigo, Benveniste discute a relação entre o pensamento e os quadros da língua. Benveniste defende que as categorias de pensamento propostas por Aristóteles não eram mais que as categorias da língua grega de então. O autor argumenta, então, que sem a língua não há a menor possibilidade de pensamento, assim como defendia Saussure. Na passagem em questão, Benveniste fala do pensamento atualizado na língua, ou seja, do pensamento semiotizado. É através do signo linguístico, atualizado em instâncias de discurso, que o pensamento toma forma.

Em *Da subjetividade na linguagem* (1958), Benveniste afirma: “Para que a palavra assegure a ‘comunicação’, é preciso que esteja habilitada a isso pela linguagem, da qual é apenas a *atualização*” (BENVENISTE, 2005, p. 285). No trecho selecionado, Benveniste argumenta que a palavra é a atualização da linguagem, cuja condição é a intersubjetividade. Tal ideia vai ao encontro da concepção dos domínios semiótico e semântico, que são desenvolvidos pelo autor em profundidade nos textos *A forma e o sentido na linguagem e Semiologia da língua*.

Em *Os níveis da análise linguística* (1964), encontramos uma ocorrência do termo *atualização* que precisa ser, aqui, contextualizada. Benveniste, ao discutir os métodos de análise linguística, salienta a importância da noção de nível: “só ela é própria para fazer justiça à natureza articulada da linguagem e ao caráter discreto dos seus elementos; só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo” (BENVENISTE, 2005, p. 127). O autor observa que os níveis linguísticos podem ser percorridos por operações descendentes e ascendentes de análise, de dissociação ou de integração. Porém, Benveniste reconhece o sentido como “uma condição indispensável da análise linguística” (BENVENISTE, 2005, p. 131). Para o autor, forma e sentido são inseparáveis no funcionamento da língua e implicam-se desde a estrutura dos níveis e das funções.

No entanto, para Benveniste, ao chegar à frase, transpõe-se um limite: não se trata mais de um nível como os outros, mas sim de um novo domínio. Benveniste diz que a frase é uma “criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação” (BENVENISTE, 2005, p. 139). Por essa via, Benveniste propõe a passagem da língua enquanto sistema de signos ao universo do discurso. Ele conclui, assim, que a língua possui uma dupla significância, ideia a partir da qual os conceitos de semiótico e semântico serão cunhados. Nesse contexto, Benveniste encerra seu texto com a célebre afirmação: “É no discurso

atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 140).

A frase, assim, pertence ao discurso, é a manifestação da língua na comunicação viva, é o espaço das construções sempre singulares, com sentido e referência: a atualização da língua.

Em *A linguagem e a experiência humana* (1965), Benveniste retoma a discussão sobre os pronomes, como formas que recebem sua realidade e sua substância somente no discurso, para afirmar que a língua possui formas que permitem a atualização da experiência e a própria existência do discurso: “Esta é a *atualização* de uma experiência essencial, que não se concebe possa faltar a uma língua” (BENVENISTE, 2006, p. 69).

Benveniste avança na discussão ao demonstrar que os dêiticos organizam o espaço e o tempo tomando o “eu” como referência, dando especial atenção às formas que exprimem o tempo, por considerá-las as mais ricas no que toca à revelação da experiência subjetiva na língua. Benveniste mostra que há um tempo próprio da língua, o tempo linguístico, que coincide com o presente da instância de fala e constrói as ideias de passado e de futuro, tomando a si mesmo como eixo referencial: “Do tempo linguístico indicamos a sua emergência no seio da instância de discurso que o contém em potência e que o *atualiza*” (BENVENISTE, 2006, p. 77). Trata-se, pois, da constituição de uma subjetividade num tempo e num espaço, sob a condição da intersubjetividade.

Em *A forma e o sentido na linguagem* (1966), Benveniste ocupa-se fortemente do problema da atualização dos signos na linguagem em uso, tomando a significação como ponto fulcral da discussão. Para Benveniste, a língua é, antes de mais nada, um sistema significante. Em sua base, encontra-se o sistema semiótico, como Saussure o concebeu. Sobre o semiótico, há uma semântica própria construída pela língua-discurso.

O signo semiótico tem caráter genérico, enquanto a palavra é sempre particular. No discurso, para Benveniste, o sentido não é dado previamente, uma vez que ele advém do processo de agenciamento particular das palavras, a sintagmatização, “pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (BENVENISTE, 2006, p. 230). Essa noção é intimamente ligada à de semantização, concernente à atualização dos signos e, portanto, à conversão da língua em discurso. A semântica, nesse contexto, pressupõe um locutor e sua situação no mundo, “[...] há aqui necessariamente uma mistura sutil de liberdade no enunciado da ideia

e de restrição na forma deste enunciado, que é a condição de toda a *atualização da linguagem*” (BENVENISTE, 2006, p. 232).

No trecho acima, Benveniste discute a diferença do estatuto da entidade lexical enquanto tomado como signo ou como palavra. O sentido das palavras, sob efeito da sintagmatização, é transformado pelas condições de emprego. Segundo o autor, o sentido da frase se dá em uma ideia “percebida por uma compreensão global”, ao passo que o sentido das palavras “se determina em relação ao contexto de situação” (BENVENISTE, 2006, p. 233). Esse processo de “conversão do pensamento em discurso” é, no entanto, modelado pela estrutura linguística.

Em *Semiologia da língua* (1969), Benveniste dedica-se a agudizar a discussão sobre forma e sentido. Assim como Saussure, que tomou o estudo do signo como essencial para a linguística, Benveniste se interessa em perscrutar os caminhos que levam o sistema a ser colocado em uso.

No *Curso de Linguística Geral*, Saussure observou que a língua é o principal dos sistemas de signos. Benveniste investiga, então, a natureza da relação da língua com a semiologia, uma “ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (BENVENISTE, 2012, p. 47), como concebeu Saussure.

Para Benveniste, “o papel do signo é o de representar, o de tomar o lugar de outra coisa evocando-a a título de substituto” (BENVENISTE, 2006, p. 51). O que liga os sistemas à semiologia é, pois, o fato de possuírem significância e serem compostos por signos. O autor argumenta que os sistemas semióticos não são mutuamente conversíveis, uma vez que um signo só possui valor dentro do sistema que o integra. Benveniste conclui, assim, que a língua é o único sistema de signos capaz de a tudo interpretar, inclusive a si mesma:

Toda semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua. [...] A língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não-linguísticos (BENVENISTE, 2006, p. 61).

É nesse contexto que Benveniste afirma que a língua funda a cultura e possibilita a vida social, porque a língua contém a sociedade. Benveniste diz que a língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e

no seu funcionamento: “[...] ela é a única *atualização* da comunicação intersubjetiva” (BENVENISTE, 2006, p. 63).

Com as noções de semiótico e semântico, Benveniste teoriza sobre o funcionamento do sistema no discurso. O semiótico é o modo de significação próprio do signo, dentro de um sistema e distinto dos demais signos. Já o semântico é o modo específico de significância engendrado pelo discurso, cujo sentido é concebido globalmente. O privilégio da língua é possuir essa dupla significância: a do sistema e a da enunciação.

O aparelho formal da enunciação (1970) apresenta uma espécie de síntese das principais ideias acerca do evento evanescente que é a enunciação. Benveniste define a enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82): “Tentaremos esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela *atualiza*” (BENVENISTE, 2006, p. 83).

Dessa maneira, Benveniste propõe que a enunciação é o espaço da singularidade, das designações sempre novas. Ao apropriar-se da língua, o locutor é introduzido em sua fala e passa a atribuir referência. Cada instância de discurso constitui “um centro de referência interno” (BENVENISTE, 2006, p. 84), criando, a partir de “eu”, as noções de tempo, de espaço e os próprios atores – entidades linguísticas nascidas na enunciação. A atualização do signo em uma instância de discurso é, assim, parte essencial da enunciação. É sob a condição da intersubjetividade, em um aqui e agora *sui* referenciais, que a língua-discurso constrói os sentidos particulares e possibilita que o homem se singularize.

Aproximações e distanciamentos

A revisão, empreendida neste texto, do uso do conceito de *atualização* por perspectivas tidas como opostas – formalista e enunciativa – parece manifestar um aspecto interessante para discussão: ambas as abordagens sobre a linguagem são tributárias de Ferdinand de Saussure. O uso do termo *atualização* evoca conceitos saussureanos de forma implicacional, isto é, para que possamos compreender como o termo significa em cada teoria, é necessário retomar conceitos que foram celeberramente introduzidos por Saussure.

Talvez isso não seja surpresa, afinal, como o próprio Benveniste (2005, p. 34, interpolações nossas) afirma, “[...] Não há um só linguista hoje que não lhe deva algo [a Saussure]. Não há uma só teoria geral que não mencione o seu nome”. No entanto, este é

um aspecto que, para nós, parece muitas vezes passar despercebido. Se Saussure fornece fundamentos teóricos para formalistas e enunciativos, a ponto de ambas as visões aderirem ao postulado da “língua como forma e não substância”, o que os diferencia? O que os diferencia particularmente no que tange ao uso do conceito de atualização? Ou ainda: o que o uso do conceito de atualização pode dizer a respeito dessas diferenças?

Acreditamos que uma resposta possível é a de que a interpretação dada às ideias de Saussure seja um ponto importante de distinção. A abordagem formal se serviu de modo singular da discriminação entre forma e substância (e, mais tarde, com Hjelmslev, entre expressão e conteúdo) a fim de sustentar pesados esforços investigativos que, de maneiras diversas e dispersas, já estavam em curso na primeira metade do século XX, e que procuravam descrever e explicar o funcionamento das línguas por meio da análise da sua *estrutura*.

Essa perspectiva de certo modo desconsiderou – mais ou menos, a depender da versão – uma noção saussureana importante: a da indissociabilidade entre significante e significado na constituição do signo linguístico. Isso porque, quando se analisa, por exemplo, um fonema em suas partes constitutivas mínimas (traços distintivos), o pesquisador está automaticamente isolando significante de significado, terminando por efetuar aquilo que Saussure ([1916] 2012, p. 163) considerava como uma “abstração cujo resultado seria fazermos ou psicologia pura ou fonologia pura”.

Nesse sentido, estamos diante não necessariamente de uma ruptura com o pensamento saussureano, mas, talvez, de uma “necessidade metodológica” própria do fazer científico, que clama pela realização de recortes. Tal é o fato que estudiosos como Nikolai Trubetzkoy, expoente do Círculo Linguístico de Praga que desenvolveu as bases da Fonologia estruturalista europeia, ao defender a diferenciação teórico-metodológica entre fonética e fonologia em sua obra *Princípios de Fonologia* (1969), diz:

Sem atos concretos de fala, o sistema da língua não existiria. Eventos de fala e sistema da língua, consequentemente, pressupõem um ao outro. Eles são inseparavelmente vinculados e devem ser considerados dois aspectos inter-relacionados do mesmo fenômeno “língua”. Ainda assim, eles são bastante diferentes em sua natureza e devem, portanto, ser estudados separadamente. [...] Isso não deve impedir, é claro, de um servir-se dos resultados obtidos para o outro. Mas os limites devem ser considerados (TRUBETZKOY, 1969, p. 1 e 13).

Ainda assim, é importante reconhecer que a realização desse recorte estabelece limites na ligação entre a linguística formal com Saussure, ou seja, não é possível afirmar que essa abordagem representa uma continuidade do pensamento saussureano como um todo, apesar de ser um desdobramento possível⁵.

Formalistas estão interessados, é claro, na forma linguística, mas também, para que consigam analisar a forma, interessam-se pela realidade empírica que a manifesta (a *atualiza*). Essa realidade é física e biológica, correspondente à substância da expressão, e é o objeto que pode ajudar a “verificar a tese de um sistema subjacente ao processo, e a tese de uma constância que subentende as flutuações” (HJELMSLEV, [1953] 1975, p. 9), pois, como referido, manifesta, atualiza, realiza a forma linguística. No entanto, aqui, a substância tem importância secundária. Trata-se meramente de uma manifestação daquilo que realmente constitui a língua em si (a forma). Hjelmslev conduz esse projeto de maneira singular por meio de suas elaborações teóricas, rearranjando os conceitos saussureanos de tal modo que chega a uma noção de signo linguístico distinta de Saussure, profundamente formal: o signo é a união da forma de conteúdo com a forma da expressão. E, mesmo teóricos como o referido Trubetzkoy, em princípio mais diretamente vinculados a Saussure, em suas exposições sobre a concepção de língua que têm, acabam por desenhar um quadro conceitual muito mais próximo àquele sistematizado por Hjelmslev do que o saussureano (cf. TRUBETZKOY, 1969, p. 2).

Em uma análise das correspondências entre Hjelmslev e Benveniste, KenjiTatsukawa mostra que, até 1949, os autores possuíam um profundo acordo sobre os princípios e o método de análise estrutural. Editor da *Acta Linguística*, Hjelmslev publica em 1939 o ensaio *Natureza do signo de linguístico*, de Benveniste. Nas edições seguintes, Hjelmslev publica textos de diversos linguistas que se propõem a debater as questões suscitadas pelo seu ensaio: Edouard Pichon, Eric Buysens, Albert Sechehaye, Charles Bally, Henri Frei. Benveniste chega a se tornar membro do Círculo Linguístico de Copenhague, fundado por Hjelmslev. No entanto, a partir dos anos 50, manifesta-se a diferença latente no pensamento

⁵ Essa observação pode ser corroborada se forem considerados os desenvolvimentos posteriores da linguística formal, os quais foram se distanciando cada vez mais do projeto saussureano – entendido em um sentido holístico – do qual guardou-se apenas os princípios rudimentares. É o caso do programa gerativista, liderado por Noam Chomsky, um empreendimento científico que assumiu o rótulo formalista a partir da década de 1960, mas já sob os termos claros das ciências Lógica e Matemática (para uma discussão sobre diferentes acepções do termo *formal* na linguística, cf. Pires de Oliveira, [2004] 2011).

linguístico de ambos. Isso traz consequências até mesmo para suas concepções de sistema linguístico:

Hjelmslev, sendo profundamente imanentista, só está interessado pela estrutura da língua, enquanto que Benveniste se interessará cada vez mais pelo “exterior” da língua, sob os termos de discurso e de enunciação (TATSUKAWA, 1997, p. 39-40, tradução nossa⁶).

Assim, Benveniste, por sua vez, está interessado em outro tipo de realidade empírica: a da língua-discurso. E mais do que meramente tratar essa realidade empírica como uma *manifestação* da língua, com importância secundária, ele a trata como fundamental na constituição da própria língua. *Atualização*, em Benveniste, é mais do que a manifestação de unidades formais em uma substância da qual a forma é independente. O autor tem em vista o processo de atualização individual do signo, herança coletiva, em situações de uso da língua, processo no qual “cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo” (BENVENISTE, 2006, p. 233-234).

Tanto para Saussure como para Benveniste, a língua é organizadora do pensamento. Para Benveniste, a forma linguística é “a condição de realização do pensamento”. O conteúdo de pensamento “recebe forma quando é enunciado, e somente assim”. Sem a língua, não há mais que “obscura volição”. Benveniste considera um “pensamento que não se pode materializar a não ser na língua e uma língua que não tem outra função a não ser ‘significar’” (BENVENISTE, 2005, p. 69).

Mesmo sem ter acesso aos seus escritos, Benveniste percebeu que Saussure não estava alheio ao âmbito do discurso, uma vez que o autor afirma que “Saussure não ignorou a frase, mas visivelmente ela lhe criou uma grave dificuldade e ele a atribuiu à ‘fala’” (BENVENISTE, 2006, p. 66). Importante frisar que frase, aqui, se refere ao semântico, o “domínio da língua em emprego e em ação” (BENVENISTE, 2006, p. 229). A consideração de Benveniste vai ao encontro da reflexão levantada por Saussure na *Nota sobre o discurso*, levada a público por Jean Starobinski, em 1971, em *As palavras sob as palavras*: “A língua só é criada com vistas ao discurso, mas o que separará o discurso da língua ou o que, num dado

⁶ “Hjelmslev, étant profondément immanentiste, ne s’intéresse qu’à la structure de la langue, alors que Benveniste va s’intéresser de plus en plus au ‘dehors’ de la langue sous les termes de discours et d’énunciation” (TATSUKAWA, 1997, p. 39-40).

momento, permitirá dizer que *a língua entra em ação como discurso?*” (STAROBINSKI, 1974, p. 12).

A discussão sobre sentido está, assim, no centro da obra de Benveniste. É com as noções de semiótico e semântico que o autor busca ir além de Saussure, mas conservando-o. Benveniste afirma que a língua comporta o uso, cuja significação é fruto da articulação entre a significação dos signos e a da enunciação. Nesse processo, Benveniste reconhece que o tempo linguístico toma o “eu” como centro de referência e, na dependência da relação eu-tu, constrói a referência, o tempo e o espaço. O signo *atualizado* em palavra é, assim, a própria língua em ação, semantizada na e pela instância de discurso.

Considerações finais

Este texto teve como objetivo colocar em diálogo e discussão as teorias linguísticas formal e enunciativa, a partir de uma revisão do conceito de atualização. Acreditamos ter conseguido alcançar esse objetivo especialmente em virtude de ambas as perspectivas apresentarem um aspecto em comum que, ao mesmo tempo, ironicamente, é o que as diferencia: Ferdinand de Saussure.

Disso decorre que o conceito de atualização, sob os dois pontos de vista, apoia-se na consideração da língua como forma; na base de cada uma das propostas encontra-se o signo linguístico. Assim, a noção de atualização veiculada por cada uma das áreas revela os fundamentos de suas concepções sobre a língua.

No entanto, a diferença entre o significado de atualização na linguística formal e na da enunciação reside, pelo que argumentamos, na interpretação dada por cada uma à obra de Saussure (considerando-se o Curso de Linguística Geral). Enquanto que formalistas aderem ao postulado da “língua como forma” abstraindo significante de significado, como uma sustentação para desenvolver uma linguística que se volta para a análise do funcionamento e da estrutura da língua, estudiosos da Enunciação, particularmente Benveniste, procuram contemplar de maneira mais abrangente a obra de Saussure, vendo o signo linguístico como mediatizante entre homem e mundo, condição para a existência do humano. De Saussure, Benveniste herdou a consciência de que estudar uma língua implica estudar a linguagem, além da consideração do destino da linguística estar atrelado ao da semiologia.

Dessa maneira, na concepção formalista, como aquela veiculada por John Lyons, fundada em noções saussureanas elaboradas por Louis Hjelmslev, atualização refere-se a uma realização, em substância física, das unidades formais que compõem o sistema linguístico; a forma, em última análise, independe da substância. Já em uma concepção enunciativa, como a derivada das reflexões de Émile Benveniste, a noção de atualização se incorpora ao âmbito da enunciação, caracterizando a passagem do signo virtual à instância de discurso, espaço no qual emergem significados singulares.

Com isso, acreditamos que, mesmo dentro das limitações deste texto, trouxemos uma contribuição às, ainda, incipientes e esparsas interlocuções que existem entre áreas que se dedicam ao estudo da linguagem, sobretudo à enunciativa e à formalista, sobre as quais muitas vezes se opera uma visão dualista e opositiva que, por consequência, inibe a possibilidade de diálogo e mesmo de salutíferos debates de ideias.

Referências

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Linguística: objetos teóricos*. Vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 55-74.
- FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci; TEIXEIRA, Marlene; FINATTO, Maria José. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975 [1961].
- ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011 [2004], p. 53-92.
- LYONS, John. *Introduction to Theoretical Linguistics*. London: Cambridge University Press, 1968.
- MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Reflexões sobre a fonologia e a aquisição da linguagem oral e escrita, *Veredas (UFJF) Online*, 16, p. 118-135, 2012.

_____. A atualização do conhecimento linguístico pela criança em fase de alfabetização. *Letra A – Jornal do Alfabetizador*, Belo Horizonte – UFMG, entrevista, p. 12 – 14, 01 maio 2014.

_____. Aquisição da escrita: as pesquisas do GEALE. In: MIRANDA, A. R. M.; CUNHA, A. P. N.; DONICHT, G. (Orgs.). *Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita*. 1ª ed. Pelotas: Editora UFPel, 2017. p. 15-50.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Formalismos na Linguística: uma reflexão crítica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011 [2004], p. 219-250.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*(1916). BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (Orgs.). 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

STAROBINSKI, Jean. *As Palavras Sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

TATSUKAWA, Kenji. Sous le signe de Saussure: la correspondance L. Hjelmslev - E. Benveniste (1941-1949). *Linx*, 9: p. 129-141, 1997.

TRUBETZKOY, Nikolai Sergejevich. *Principles of Phonology*. Tradução de Christiane Baltaxe. Berkeley: University of California Press, 1969.

* Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

**Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).